IZAUTONIO DA SILVA
MACHADO JUNIOR

INTRODUÇÃO AO RITO DE YORK

AS BLUE LODGES

— 2ª EDIÇÃO —
REVISTA E AMPLIADA

Izautonio da Silva Machado Junior

INTRODUÇÃO AO RITO DE YORK
As *Blue Lodges*



— 2ª edição, revista e ampliada —

INTRODUÇÃO AO RITO DE YORK: As *Blue Lodges*
© 2026 by Izautonio da Silva Machado Junior
Todos os direitos reservados.

Diagramação:
Maçonaria com Excelência

Ilustrações de capas:
Maçonaria com Excelência

Revisão:
Vanderlei Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado Junior, Izautonio da Silva
Introdução ao Rito de York / Izautonio da Silva Machado Junior. -- 2. ed. -- Porto Velho, RO : Editora Imediata, 2026.

ISBN 978-65-85197-39-7

1. Maçonaria - Doutrinas 2. Maçonaria - Ritos e cerimônias 3. Maçonaria - Rito de York I. Título.

26-378385.0 CDD-366.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria : Rito de York : Sociedades secretas 366.12

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, nos termos da Lei nº 9.610/98, sujeitando o infrator às penalidades previstas no Código Penal Brasileiro, artigo 184, e na Lei nº 10.695/2003.

Dedicatória

À minha esposa Elen Gonçalves de Souza Machado e à minha filha Isabele Vitória Gonçalves Machado, que são fonte de amor que dá sentido à minha vida.

À ARLS Vale do Jamari nº 38 – GLOMARON, minha loja mãe;

À ARLS Rei Salomão nº 43 e à ARLS Virtual Lux in Tenebris nº 47 – GLOMARON, das quais sou fundador;

À ARLS Virtual Luz e Conhecimento nº 103 – GLEPA, à ARLS Virtual Estrela Polar nº 433 – GOP/SP, à ARLM Cláudio Moreira de Souza nº 250 – GLMERJ e à ARLS Thomas Smith Webb nº 38 – GLOMEAL, das quais sou membro honorário;

À Loja de Estudos e Pesquisas Dom Bosco nº 33 – GLMDF, da qual sou membro benemérito.

AGRADECIMENTOS

Aos irmãos que de formas diversas contribuíram em minha jornada maçônica e me incentivaram a escrever e aprimorar esta obra: Valério Lorenço de Araújo, Vinícius José de Oliveira Peres Almeida, Marcus Vinícius dos Santos de Oliveira, Vilmar Ferreira, Vanderlei Coelho dos Santos, Aldino Brasil de Souza, Paulo Benevenute Tupan, Antonio Juliano Breyner, Kennyo Ismail, Márcio dos Santos Gomes, Anselmo Fhellipe S. Maia, Gustavo Vernaschi Patuto, Cloves Gregório e Michael Winetzki (*in memoriam*).

À Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia (GLOMARON) e ao Grande Oriente de Rondônia (GOR), pelo apoio em meu progresso maçônico.

À Academia Maçônica de Letras de Rondônia, à Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras, à Academia Brasileira Maçônica de Letras, Teatro, Ciência, Arte e Música e à Academia Internacional de Maçons Imortais, das quais sou membro efetivo, por proporcionar o meio ambiente intelectual e cultural onde prosperam os ideais que nos conduzem à arte de escrever.

PREFÁCIO

Eu conheci o irmão Izautonio há alguns anos, em uma de minhas idas à maravilhosa cidade de Ariquemes, em Rondônia, para atividades maçônicas.

Tendo por alguns anos me dedicado a pesquisas no campo comportamental, criei o hábito (bom ou não) de fazer leituras informais dos traços de personalidade das pessoas que conheço, com base em suas linguagens e comportamentos.

A minha leitura inicial do irmão Izautonio foi de estar conhecendo uma raridade. Isso porque há características que, infelizmente, estão em declínio atualmente, como humildade e erudição. Parece que estamos migrando para uma "idiocracia", em que arrogância e ignorância têm sido valorizadas; em que opinião se iguala à verdade absoluta e dar uma resposta grosseira e ofensiva é "lacrar".

Assim, está cada dia mais difícil encontrar um ser genuinamente humilde entre tantos falsos. E ainda mais difícil encontrar um erudito perante tanta filosofia de porta de banheiro de rodoviária e pós-verdades. Então, conhecer um ser que detém ambas as características, equivale a uma loteria.

Entretanto, deve haver algo na água de Ariquemes que torna isso possível, pois um dos poucos seres desse tipo raro, Marcus Vinícius, foi um dos que me apresentou Izautonio, diagnosticado com a mesma extraordinária mutação de humildade e erudição.

Junto a essas características, via-se nitidamente outras inerentes a essa junção: a curiosidade sadia, o questionamento, a mente aberta para novos conceitos e visões.

O tempo me mostrou que minha leitura inicial foi correta. E essas características raras do Izautonio, aliadas ao interesse pela Maçonaria em todos os seus espectros, levaram-no a mostrar a todos que um

homem de pensamentos também pode ser um homem de ações, transformando ideias em realidades.

Esta obra é mais um fruto de todo esse trabalho, de um irmão que ainda muito produzirá e fará ainda mais a diferença em prol de nossa Sublime Ordem e todos os irmãos que a compõem. E muito me alegra, enquanto um adepto fervoroso da Escola Autêntica de Maçonaria, que o irmão Izautonio tenha se unido a nós enquanto autor, fortalecendo nossas fileiras nesta guerra maçônica do real contra o fictício.

O Rito de York, apesar de antigo e praticado no simbolismo por 3 de cada 5 maçons do mundo, ainda pode ser considerado como relativamente novo no Brasil. E enquanto o rito cresce e se desenvolve no país, também é crescente o número de invenções, por carência de informações, influência de outros ritos majoritários no Brasil, e discurso de autoridade de irmãos descompromissados com estudo e pesquisa.

Nesse cenário, já se criaram narrativas de “gravata azul”, “chinelo havaianas”, “paletó aberto”, “Leste e Oeste”, dentre tantas outras. Daí a importância de obras como esta que o irmão Izautonio nos presenteia, cujo conteúdo está baseado em referências válidas. Em um recorte introdutório, Izautonio nos brinda com uma série de informações confiáveis e úteis acerca do Rito de York, sua história, simbologia e ritualística.

Para os praticantes do Rito de York no Brasil, esta é uma obra fundamental, que se une a outras poucas que, juntas, vão dando forma e massa a um arcabouço literário do Rito de York em nosso país. Aos maçons estudiosos, adeptos de outros ritos, está aqui mais uma obra que busca espargir luz em uma nação cuja Maçonaria ainda, em pleno século XXI, chama de Rito de York outras práticas que não a norte-americana.

Kennyo Ismail

APRESENTAÇÃO (2ª EDIÇÃO)

Posso afirmar que a primeira edição desta obra alcançou sucesso, ao considerar que o mercado editorial brasileiro de livros maçônicos é bastante discreto. Ademais, o fato de ela versar sobre um rito minoritariamente praticado em nosso país limita consideravelmente o público-alvo. Por essa razão, expresso a minha gratidão a todos os leitores que adquiriram a primeira edição, pois me incentivaram a prosseguir com esse projeto literário.

Após passados três anos e tendo sido esgotadas três impressões da primeira edição, consideramos que havia chegado o tempo de realizar uma revisão, em atenção às constantes cobranças de irmãos interessados que aguardam uma nova disponibilização da obra, o que ficará a cargo da "Maçonaria com Excelência".

Esta edição, portanto, é produto de um trabalho de retificação de detalhes, ampliação do conteúdo, preenchimento de lacunas e atualização de informações. Por óbvio, o resultado não ficou perfeito, mas acreditamos ter melhorado substancialmente a qualidade do material: aumentamos o número de páginas, de capítulos, de notas de rodapé e de referências bibliográficas; aprofundamos o estudo histórico e a descrição dos graus; reescrevemos várias partes e fizemos numerosos ajustes no texto, entre outros.

Nosso propósito é que esta edição revista e ampliada seja uma nova e melhor experiência aos leitores da primeira versão, e um guia seguro àqueles que tenham contato com o nosso trabalho pela primeira vez. E que possamos seguir melhorando cada vez mais.

O Autor.

APRESENTAÇÃO (1ª EDIÇÃO)

O Rito de York é o sistema maçônico mais praticado em todo o mundo, levando-se em consideração o número de lojas e maçons que o adotam. Também conhecido como rito americano, tem suas bases nos Estados Unidos, mas as suas raízes remontam à antiga Maçonaria que foi exportada àquele país no século XVIII, por intermédio de lojas maçônicas ligadas a países como Irlanda, Escócia e Inglaterra.

O sistema maçônico americano alcançou a sua forma atual a partir do ano de 1797, quando o *Monitor* de Thomas Smith Webb foi publicado nos Estados Unidos.

Após esse marco inicial, houve um período em que os Altos Graus do Rito de York foram se organizando em segmentos separados, até chegar à estrutura atual que conhecemos.

Como sabemos, nos séculos XVIII e XIX foram criados na Europa centenas de graus maçônicos, influenciados por correntes de pensamento em voga na época, como o rosacrucianismo, a alquimia, a astrologia, a cabala, o ocultismo etc., de cujos elementos são encontrados muitos traços nos diferentes ritos. O Rito de York, por sua vez, preservou as práticas do Antigo Ofício, se constituindo por esse mérito em uma das formas mais puras de Maçonaria.

Com isso, não queremos dizer que o Rito de York é melhor ou pior do que os demais sistemas praticados no mundo, os quais são todos válidos e se adequam aos vários perfis de maçons. Cada rito possui virtudes que os destaca em face dos demais. Pretendemos simplesmente dizer que, por suas características próprias, o Rito de York possui um valor histórico imensurável para a Maçonaria, devendo como tal ser reconhecido.

Os graus do Rito de York são muito bem estruturados em uma sequência lógica de aprendizado. Sua filosofia e sua simbologia são um grande tesouro de conhecimento. O estudo de seus graus ajuda aos adeptos de outros ritos um melhor e mais profundo entendimento das lendas maçônicas, preenchendo lacunas e tornando o todo mais coerente.

Embora a maior parte da literatura do Rito de York esteja escrita em inglês, podemos encontrar no Brasil livros e artigos com materiais de excelente qualidade.

Foi movido pelo desejo de contribuir, ainda que de forma modesta, para o conhecimento do Rito de York aos irmãos brasileiros, que elaboramos este livro introdutório. Como o próprio nome diz, é apenas de uma introdução, mas que pode ser útil aos maçons que estão tendo os primeiros contatos com sistema americano, ao mesmo tempo em que pode servir aos estudantes mais avançados que desejem recapitular algumas informações básicas e, quem sabe, até mesmo obter novos conhecimentos.

Assim é que, em função da natureza introdutória desta obra, optamos por abordar apenas alguns dos principais temas e elementos do Rito de York, sem a pretensão de ser completo, mas no desejo de ser útil. Com isso, temos a esperança de que os irmãos leitores se sintam estimulados a buscar maiores aprofundamentos sobre o Rito de York em seus futuros estudos.

O Autor.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: DEFINIÇÃO DE MAÇONARIA 21

CAPÍTULO 2: TEORIAS DE ORIGEM DA MAÇONARIA ... 29

Teoria de Origem Antiga 29

Teoria da Transição 31

Teoria da Substituição 38

Teoria do Nascimento Original 38

Teoria da Dupla Origem Ritual 42

Teoria Templária 44

Teoria Rosacruz 44

Teoria da *Royal Society* 47

Teoria da Irmandade para Conspiração 48

Teoria da Base Religiosa 49

Teoria Druídica 49

Considerações 49

Quadros: Tipologia das Teorias de Origem da Maçonaria Etapas de Formação da Maçonaria 52

CAPÍTULO 3: LITURGIA, RITOS E RITUAIS MAÇÔNICOS 55

A Liturgia 55

Tipos de Liturgia 57

Ritos 58

Os Ritos e Suas Versões 61
Os Ritos Maçônicos Praticados no Brasil 62
Ritual 64
Um Resumo 65
Considerações 66
CAPÍTULO 4: A DENOMINAÇÃO "RITO DE YORK" 67
O *York Working* (inglês) 69
O Ritual Nigeriano (inglês) 69
O Ritual de Emulação (inglês) 70
O Rito de York (americano) 70
Distinções Entre Rito de York e Ritual de Emulação 71
O Comentário de Harry Carr 73
CAPÍTULO 5: A HISTÓRIA DO RITO DE YORK 75
A Chegada da Maçonaria na América 79
A Maçonaria na Independência Americana 81
A Maçonaria Prince Hall 83
A Chegada do Rito no Brasil 85
CAPÍTULO 6: OS GRAUS DO RITO DE YORK 89
A Organização dos Graus do Rito de York 93
Sinopse dos Graus Simbólicos 93
Sinopse dos Graus Capitulares 98
Sinopse dos Graus Crípticos 103
Sinopse das Ordens de Cavalaria 108
Os Graus de Cadeira 112
Os Graus e Ordens Anexas ou Aliadas 113

Fun Degrees e Corpos Afiliados 114
CAPÍTULO 7: CARACTERÍSTICAS DAS *BLUE LODGES* . 115
Parafernália de Uma Sala de Loja 115
Materiais Adicionais Para a Cerimônia de Iniciação 117
O plano da Loja 118
O Teísmo do Rito 119
A Sala de Preparação 121
Câmara de Reflexões no Rito de York? 122
O Local das Reuniões 124
As Joias Móveis e Imóveis 125
Liberdade, Igualdade e Fraternidade? 126
A Caixa de Ferramentas 127
As Estações dos Principais Oficiais 127
As Portas Externa e Interna 129
O Uso de Mesas 129
O Sinal de Fidelidade 130
O Sinal de Respeito 132
O *Due Guard* 132
Há Colunetas nas Estações? 134
O Código de Vestimentas 136
Os Aventais 138
A Cartola do Venerável Mestre 139
O Pavimento Mosaico 140
A Forma e a Disposição da Loja 141
O Cobridor e a Espada 143

CAPÍTULO 8: A RITUALÍSTICA DE UMA SESSÃO 145
A Memorização dos Rituais 148
Abrir Sessão Somente no Grau de Mestre? 148
A Abertura de Uma Sessão 149
A Verificação se a Loja Está Coberta 150
A Verificação dos Presentes 151
A Colheita da Palavra 151
"Pelos sinais!" 152
A Oração pelo Capelão 153
A Abertura do Livro das Sagradas Escrituras 154
A Promessa de Lealdade à Bandeira do País 155
E durante a Sessão? 156
Há Circulação de Bolsas? 157
O Franqueamento da Palavra 157
O Fechamento da Sessão 158
Orientações Para a Cerimônia de Iniciação 159
CAPÍTULO 9: A AMBULAÇÃO EM LOJA 161
Uma Linha Imaginária? 162
A Circum-Ambulação em Outros Ritos 163
CAPÍTULO 10: O GIZ, O CARVÃO E A ARGILA 167
A Origem Histórica 168
O Significado Simbólico 170
Considerações 173
CAPÍTULO 11: A ESCADA DE JACÓ 175
O Surgimento do Símbolo na Maçonaria 176

A Escada de Jacó no Rito de York 178
A Escada de Jacó na Bíblia 179
O Significado da Palavra "*Caridade*" 181
Uma Escada Mesopotâmica? 183
A Simbologia da Escada de Jacó 184
As Virtudes Teologais 189
O Tapete do Mestre e os Painéis 192
Considerações 197
CAPÍTULO 12: OS CAPITÉIS DAS COLUNAS 199
CAPÍTULO 13: A VIRTUDE DA CORAGEM 203
CAPÍTULO 14: AS SETE ARTES OU CIÊNCIAS LIBERAIS 207
O Conceito de Artes Liberais 209
As Artes Mecânicas ou Manuais 210
Concepção geral sobre o *Trivium* e o *Quadrivium* 211
O *Trivium* 212
O *Quadrivium* 213
As Artes Liberais nos Antigos Deveres 215
Aspectos Simbólicos do Número Sete 218
O *Trivium* e a Maçonaria 220
Gramática 221
Retórica 221
Lógica 222
O *Quadrivium* e a Maçonaria 223
Aritmética 223

Geometria 224
Deus, Arquiteto e Geômetra 228
Música 230
Astronomia 230
As Artes Liberais no Guia dos Maçons Escoceses 231
CAPÍTULO 15: O SÍMBOLO DA COLMEIA 233
Origem Histórica 233
O Simbolismo da Colmeia 234
CAPÍTULO 16: O SIMBOLISMO DO TEMPO 237
CAPÍTULO 17: O PRINCÍPIO DA VERDADE 241
A Verdade Como Princípio Maçônico 245
A Filosofia Iniciática Maçônica 247
CAPÍTULO 18: A MAÇONARIA NA ATUALIDADE 249
Os Estilos de Maçonaria 250
Os Fatores de Sucesso da Maçonaria 251
A Transformação da Maçonaria 254
A Universalidade da Maçonaria 256
Considerações Sobre a Maçonaria na Atualidade 257
BIBLIOGRAFIA 262
SOBRE O AUTOR 271

CAPÍTULO 1: DEFINIÇÃO DE MAÇONARIA

A Maçonaria tem sido classificada pelos autores em dois tipos: Operativa e Especulativa. O objeto principal de nosso estudo é a Especulativa, também denominada Franco-Maçonaria.

Fazendo uma contraposição de ideias, podemos dizer que a Maçonaria Operativa se refere à construção de edifícios físicos, fazendo uso de materiais como a pedra e o mármore, ao passo que a Especulativa se refere à construção de um templo metafísico no interior de cada um de seus adeptos, usando para esta finalidade as suas instruções.

Enquanto a Maçonaria Operativa tem por fim uma construção de algo concreto e tangível, utilizando como meio conhecimentos científicos aplicáveis, como a geometria e a arquitetura, a Maçonaria Especulativa tem por fim uma construção abstrata e intangível, utilizando como meio conhecimentos filosóficos e simbólicos que fazem alusão a construções físicas.

Assim, a Maçonaria Especulativa adota, para o seu propósito, os utensílios e materiais que eram utilizados na Maçonaria Operativa, conferindo-lhes significados simbólicos e filosóficos. Nesse sentido, já foi afirmado que a Maçonaria Operativa é uma arte e a Maçonaria Especulativa é uma ciência[1] (MACKEY, 2024).

[1] A palavra *ciência* aqui é empregada em um sentido lato, significando um conjunto de conhecimentos (do latim *scientia*).

Feita a distinção supra, sigamos convencionados, que doravante quando usarmos o termo "Maçonaria" de forma isolada, estamos nos referindo à Maçonaria Especulativa.

> Maçonaria, em seu sentido mais amplo e abrangente, é um sistema de moralidade e ética social, e uma filosofia de vida, de caráter simples e fundamental, incorporando um humanitarismo amplo e, embora tratando a vida como uma experiência prática, subordina o material ao espiritual; é moral, mas não farisaica; exige sanidade em vez de santidade; é tolerante, mas não indiferente; busca a verdade, mas não define a verdade; incentiva seus adeptos a pensar, mas não diz a eles o que pensar; que despreza a ignorância, mas não reprova o ignorante; que promove a educação, mas não propõe nenhum currículo; ela abraça a liberdade política e de dignidade do homem, mas não tem plataforma ou propaganda; acredita na nobreza e utilidade da vida; é modesta e não militante; que é moderada, universal, e liberal quanto a permitir que cada indivíduo forme e expresse sua própria opinião, mesmo sobre o que a Maçonaria é, ou deveria ser, e convida-o a melhorá-la, se puder" (*Coil's Masonic Encyclopedia*, COIL & BROWN, 1961, p. 159).

Embora não haja unanimidade entre os historiadores maçônicos, que criaram várias teorias acerca da origem da Maçonaria Especulativa, é geralmente aceito que ela decorre histórica ou simbolicamente da fraternidade medieval de maçons operativos, o que se evidencia pela preservação de muitas de suas regras e lendas derivadas dos Antigos Deveres.

Os Principais Princípios da Maçonaria são o Amor Fraternal, o Amparo e a Verdade, que se constituem em verdadeiros *Landmarks* da

Ordem[2] e possuem o condão de revelar três aspectos essenciais da natureza maçônica: a Fraternidade, a Caridade e a Verdade como fundamento da virtude.



Principais Princípios da Maçonaria: Mississippi Lodge of Research #640.

[2] De acordo com Harry Carr e John Hamill, a Grande Loja Unida da Inglaterra, potência primaz da Maçonaria universal, nunca apresentou uma lista de quais seriam os *Landmarks* da Ordem. Eles apresentam uma sugestão baseada a definição de que "um marco é algo que, se fosse removido, alteraria a base da Maçonaria". São eles: (1) a crença no Ser Supremo, que é a única coisa, em uma membresia tão diversa, que todos nós temos em comum; (2) a presença das Três Grandes Luzes, particularmente o Volume da Lei Sagrada, que fundamenta nosso sistema de moralidade; (3) os Três Grandes Princípios do Amor Fraternal, Amparo e Verdade, que são a personificação de nossos princípios e preceitos básicos; (4) o uso do ritual com alegorias e simbolismo, bem como as alusões dentro do ritual ao Templo do Rei Salomão, mas não os detalhes do ritual em si, que mudaram ao longo do tempo; (5) a proibição da discussão de religião e política em reuniões maçônicas, que, se fosse removida, sem dúvida levaria à dissensão e à desarmonia, e (6) a obrigação de defender os princípios da Maçonaria e preservar invioláveis os sinais, toques e palavras usados como teste de membresia (SHEARER, 2016, p. 30). Dentre tantas listas de *Landmarks* propostas por autores maçônicos, a mais divulgada no Brasil é aquela proposta por Albert Mackey com 25 itens, coincidentemente a que mais empodera os Grão-Mestres.

A Maçonaria é uma filosofia de vida e uma escola de virtudes, que contém em seu bojo um sistema de moralidade e ética social e faz uso de instruções com o objetivo de promover o aperfeiçoamento de seus membros. Para esse objetivo, faz uso de símbolos e alegorias como método de transmissão de suas instruções.

Os símbolos são representações figuradas de um conceito, de uma ideia, de uma ação ou de uma situação.

As alegorias, por sua vez, podem ser de dois tipos: (1) as *lendas*, que são narrativas históricas figuradas[3], cujos enredos servem como pano de fundo para a transmissão de ensinamentos, e (2) os *sistemas simbólicos*, que são símbolos individuais organizados em conjunto para compor um quadro geral. Um Painel alegórico de grau, por exemplo, contém uma série de símbolos individuais que interpretados coletivamente dão origem a uma alegoria simbólica.

Embora tenha como uma de suas premissas a livre investigação da Verdade, a Maçonaria não a define e incentiva seus adeptos a serem livres pensadores.

A Maçonaria abraça os ideais de liberdade política e enaltece o valor desta ciência social, mas proíbe em suas reuniões as discussões político-partidárias[4].

---

[3] A doutrina maçônica se estruturou em torno de mitos, que são eixos em torno dos quais giram os diversos ritos maçônicos criados com o objetivo de traduzi-los em sua essência. As alegorias abundam lições iniciáticas, pensamentos filosóficos, simbolismos e epifanias que traduzem a sensação de compreensão da essência da Maçonaria.

[4] Há duas correntes bem distintas que estão plenamente estabelecidas na Maçonaria mundial, que são a *maçonaria tradicional* e a *maçonaria secular*. Essas vertentes também podem ser conhecidas por outras designações, como *maçonaria conservadora*, *ortodoxa* ou *clássica*, para se referir à primeira, e *liberal* ou *adogmática* para se referir à segunda. A vertente tradicional é composta pelas Grandes Lojas e Grandes Orientes que não admitem a discussão

A Maçonaria não é uma religião, no entanto, possui um sistema de moralidade teísta na maioria de seus ritos, permeando muitas de suas instruções com lições religiosas e frequente alusão ao Grande Arquiteto do Universo[5].

> É relativamente fácil definir a Ordem. A Maçonaria é uma organização fraterna secular, tradicionalmente franqueada somente aos homens. Propaga os princípios morais e busca promover a prática do amor fraterno e da atividade caritativa entre todas as pessoas — não somente entre os maçons. Não é uma religião; mas é uma sociedade de homens religiosos, na medida em que exige de seus membros que acreditem na existência de um "Ser Supremo". O nome desse Ser, o texto sagrado em que é revelado e a forma pela qual deve ser adorado são assuntos que cada maçom deve resolver por si. Quando entram na ordem, os maçons prestam juramento diante do "Livro da Lei", mas cada maçom faz seu juramento diante da escritura que ele, particularmente, considera sagrada. Ainda que exorte cada um dos Irmãos a seguir os ensinamentos de sua religião, a Maçonaria não se ocupa dos detalhes dessas religiões; e toda discussão religiosa sectária é proibida nas reuniões maçônicas. Embora não seja uma religião, a Ordem pode ser considerada uma "companheira filosófica da religião". Essa ideia está implícita na definição da Maçonaria — tirada da Leitura do Primeiro Grau (Trabalho de

---

de assuntos políticos em Loja e nem permitem a manifestação política da potência enquanto instituição, em qualquer esfera, sob pena de incorrer em irregularidade maçônica. Nesse contexto, a Grande Loja Unida da Inglaterra em parceria com as Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda publicou em 1938 uma Declaração de Princípios fundamentais chamado *The Aims and Relations of the Craft*, que passou a ser adotada como parâmetro pela maçonaria tradicional como critérios de regularidade. Dentre eles, há expressa proibição de assuntos políticos.

[5] Exceção ao Rito Moderno, que por ser adogmático se abstém de tecer menções explícitas, em nome da "liberdade absoluta de consciência".

> Emulação) — como "um peculiar sistema moral, velado por alegorias e ilustrado por símbolos" (MACNULTY, 2012, p. 09).

Por outro lado, podemos ainda afirmar que a Maçonaria é também uma organização iniciática e esotérica.

A palavra "iniciação" tem raiz latina, e significa começo. Deriva dos fonemas *In* (para dentro) e *ire* (ir). Ou seja, ir para dentro, ingressar em seu interior para dar início a uma nova forma de conhecimento. Iniciar significa, portanto, introduzir alguém em um novo conhecimento, sendo exatamente isso que ocorre no Ritual de Iniciação, onde o iniciado passa a ter acesso aos conhecimentos da Ordem Maçônica.

O esoterismo se caracteriza pela transmissão de conhecimentos mais avançados de forma progressiva a pessoas eleitas, consideradas aptas a recebê-los, sendo, portanto, de acesso restrito. É isto que ocorre na Maçonaria, através da seleção de membros e do sistema de graus maçônicos, que são etapas de estudos acessíveis progressivamente. Tais características não devem ser confundidas com o misticismo ou com o ocultismo[6].

Infelizmente, por desconhecimento da natureza da instituição a que pertencem, muitos maçons desejam fazer dela uma organização

[6] Não podemos fechar os olhos para o fato de que alguns ritos maçônicos contêm em seu bojo elementos coletados de diversas tradições esotéricas e filosóficas ocidentais. Influências da tradição das guildas de pedreiros medievais, das ordens cavaleirescas, do misticismo renascentista e de sociedades secretas que tiveram seu apogeu durante a Era do Iluminismo podem ser discernidas nos rituais, simbolismo e ensinamentos maçônicos contemporâneos. A rica tapeçaria de símbolos empregada na Maçonaria é repleta de significados esotéricos e metafóricos. O sistema de graus maçônicos, com seus rituais de iniciação progressiva, incorpora elementos de simbolismo e drama esotérico. Cada grau confere novos conhecimentos e *insights*, aprofundando a compreensão do iniciado sobre os princípios e os ensinamentos da Ordem.

com objetivos completamente diferentes daqueles para os quais ela existe, desvirtuando as suas finalidades, o que é perigoso e coloca em risco a própria existência da Maçonaria[7].

> (...) não há sentido em ser maçom se a Sublime Filosofia Iniciática, aquela que é a própria razão pela qual alguém ingressa na caminhada maçônica, é desprezada. (...) Se um novo pensamento de busca pelos valores realmente iniciáticos da Franco-Maçonaria não começar a brotar dentro de suas fileiras e de suas instituições, é pouco provável que a essência filosófica se mantenha e possa sustentar sua manutenção e seu avanço pelos séculos vindouros. Deixará ela (sic) de ser uma "instituição iniciática" e se tornará apenas uma instituição beneficente e altamente burocrática, de onde terá se retirado todo o teor iniciático. (...) É preciso que cada franco-maçom repense seu próprio papel, seu próprio proceder e que, pouco a pouco, isso se torne uma onda de renovação no interior do povo maçônico (MUNIZ, 2016, p. 135).

Muito se fala a respeito da questão da evasão maçônica, que ocorre de forma galopante em muitos países e bate à porta da Maçonaria brasileira de modo preocupante. É necessário compreender que umas das causas do abandono pelos membros é o fato de não encontrarem na Maçonaria aquilo que vieram buscar no dia de sua iniciação: a luz maçônica. O aspecto iniciático da Ordem não deve ser negligenciado, pois é ele que induz o maçom a buscar a sua iluminação interior.

[7] De acordo com o Relatório da Pesquisa CMI — Maçonaria no século XXI, realizada no Brasil em 2018, foi detectado que menos de 5% dos maçons brasileiros sabiam o que é a Maçonaria, tendo por parâmetro os conceitos e definições mais utilizados no mundo. Diante desse preocupante panorama, se revelou imprescindível que este assunto fosse sempre abordado de modo satisfatório, proporcionando aos maçons uma ideia correta do que seja a nossa Ordem.

Nesse ponto, aludimos ao pensamento de Thomas Jackson, para quem a Maçonaria, ao longo de sua história, impactou o mundo, tornando homens bons em homens melhores, estimulando o seu intelecto em busca de mais conhecimento e, por consequência, participando da melhoria da sociedade. Foi assim que os maçons aperfeiçoaram a sociedade.

A Maçonaria serviu de ferramenta educacional e forneceu o ambiente no qual os bons homens construíram ideias e criaram os ideais de uma sociedade democrática. O mundo só é o que é hoje porque a Maçonaria existe, e essa só existe porque assumiu a responsabilidade de aperfeiçoar os seus membros.

A Maçonaria é um dos mais gloriosos produtos da mente humana, que obteve o êxito de chegar até os dias atuais, sendo responsabilidade dos atuais maçons preservá-la para as gerações vindouras.

CAPÍTULO 2: TEORIAS DE ORIGEM DA MAÇONARIA

Há uma série de teorias desenvolvidas para tentar explicar a origem da Maçonaria Especulativa, sendo algumas mais fantasiosas e outras mais realistas. Neste capítulo, vamos apreciar as principais.

Teoria de Origem Antiga

Hipótese — a Maçonaria remonta à Antiguidade, pois elementos maçônicos podem ser encontrados nas mais diversas manifestações culturais, históricas, místicas, mistéricas, filosóficas e religiosas dos povos antigos. Haveria, portanto, três fases maçônicas: Primitiva, Operativa e Especulativa.

Esta vertente busca identificar as origens remotas da Maçonaria em lugares como o antigo Egito e a construção do Templo de Jerusalém, muitas vezes misturando lendas com realidade, eis que não há bases documentais que a sustentem.

Como sabemos, na Antiguidade existiram escolas iniciáticas de mistérios, tais como os de Orfeu, Pitágoras, Elêusis, Mitra e Ísis cujas reuniões eram realizadas através de cerimônias ritualísticas em locais distantes de olhares profanos.

Encontrando certa semelhança com a Maçonaria Especulativa, alguns autores maçônicos se esforçaram em alegar conexões com as antigas escolas de mistérios, no escopo de conferir a ela uma antiguidade maior do que realmente possui. Todavia, não há alguma

cadeia histórica que comprove qualquer ligação entre as escolas de mistérios e a Maçonaria:

> Nunca foi provado que a Maçonaria nasceu da Alquimia, do Rosacrucianismo, do misticismo, do antigo Egito e de outros mistérios pagãos antigos. Essas influências certamente estavam nos haute graus franceses, mas apenas porque os maçons que os escreveram os colocaram lá por imitação, por fascínio ou simplesmente pelo desejo deles. Hoje, nenhum pesquisador maçônico sério acredita que a Maçonaria moderna descende diretamente dessas fontes antigas (HODAPP, 2015).

A simples existência de conteúdos iniciáticos antigos na Maçonaria Especulativa não tem o condão de comprovar a sua existência no período antigo na história humana.

Por outro lado, se consideramos puramente a arte de construir, ela de fato remonta à Antiguidade e se refere à capacidade humana de fazer edificações, de erguer construções físicas fazendo uso de materiais. Esta Arte remonta a tempos imemoriais e acompanha os povos desde o início da humanidade. Civilizações como os sumérios, egípcios, hebreus, fenícios, persas, maias, astecas, incas, chineses, indianos, gregos e romanos, apenas para citar alguns, conheciam cada um à sua maneira, a arte de construir.

Há ainda uma hipotética narração histórica segundo a qual haveria uma conexão entre a Maçonaria Operativa e os *Collegia Fabrorum,* que eram organizações de profissionais dos tempos da Antiga Roma, as quais construíram as primeiras cidades e vilas da Inglaterra, cujo início foram os acampamentos das legiões romanas. Dentre eles, havia o Colégio dos Artífices de Dionísio, supostos herdeiros dos antigos construtores que remontavam ao tempo da construção do Templo de Jerusalém. Tais Colégios teriam ingressado nas Ilhas Britânicas por ocasião da sua conquista pelos romanos e lá permaneceram após a

expulsão destes últimos, dando origem posteriormente às guildas profissionais, como a dos pedreiros medievais.

A ideia de uma linhagem histórica direta entre a Maçonaria e a Antiguidade foi defendida por autores como George Oliver e Jean-Baptiste Ragon, sendo que o primeiro a sustentou em termos bíblico-religiosos e o segundo em termos histórico-institucionais (especialmente por meio dos *Collegia Fabrorum*). Outros autores clássicos, embora tenham explorado paralelos com tradições antigas, limitaram-se a interpretações simbólicas, sem afirmar uma continuidade histórica comprovada.

Teoria da Transição

Hipótese — a Maçonaria Especulativa descende das corporações de pedreiros medievais da Inglaterra, que produziram as *Old Charges* (Antigos Deveres). A tese sustenta uma conexão histórica direta entre a Maçonaria Operativa e a Especulativa, que seriam duas fases de um mesmo fenômeno.

> A Maçonaria é uma ordem fraternal de homens ligados por juramento; decorrente da fraternidade medieval de maçons operativos, aderindo a muitas de suas antigas regras, leis, costumes e lendas, leais ao governo civil em que ela existe; que inculca as virtudes morais e sociais pela aplicação simbólica dos instrumentos de trabalho dos pedreiros e por alegorias, palestras e obrigações; cujos membros são obrigados a respeitar os princípios de amor fraternal, igualdade, ajuda mútua e assistência, sigilo e confiança; têm modos secretos de reconhecimento de para com outro, como maçons, quando viajando pelo mundo, e se encontram em Lojas, cada uma governada autocraticamente por um Mestre, assistido por Vigilantes, onde peticionários, após investigação particular em suas

> qualificações mentais, morais e físicas, são formalmente admitidos na Sociedade em cerimônias secretas baseadas em parte em velhas lendas da Arte Maçônica" (*Coil's Masonic Encyclopedia*, COIL & BROWN, 1961, p. 158).

Os mais antigos relatos de organizações desta natureza são encontrados a partir do século XII, sendo que no ano de 1356 já encontramos o registro documental de uma delas na Prefeitura de Londres, na Inglaterra.

Nas lojas formadas nos canteiros de obras medievais[8], eram compartilhados os segredos do ofício[9]. Em uma época em que não havia direitos trabalhistas, a Maçonaria servia também como uma espécie de sindicato profissional, que mantinha um fundo de caridade que servia para amparar seus membros e viúvas em caso de necessidade.

Como sabemos, os Antigos Deveres maçônicos medievais são permeados de lendas, estórias fantásticas que contam a suposta origem mítica da Maçonaria. Naquela época, tais alegorias tinham por objetivo valorizar o ofício, sendo comum que as diversas corporações tivessem cada qual as suas respectivas origens lendárias. Isso servia para que seus membros sentissem orgulho de pertencer a uma classe profissional tão prestigiosa desde tempos imemoriais, que tinha santos

[8] Originalmente a loja era uma cabana ou casinha onde os pedreiros armazenavam as suas ferramentas de trabalho, usavam para recreação ou descanso, e que veio a se tornar o local de suas reuniões.

[9] Os ofícios geralmente tinham seus próprios regulamentos e cerimônias de admissão, seus segredos profissionais eram compartilhados apenas entre os seus membros. A diferença entre os maçons e outras corporações era a de que possuíam as "lojas", uma organização paralela à corporação. A esse respeito, na Escócia os Estatutos de Schaw de 1598 e 1599 foram dirigidos às lojas, e não às corporações.

como padroeiros e personagens bíblicos, majestades e heróis como fundadores, patronos e mestres.

> A "História" da Antiga Confraria dos Pedreiros ingleses era um aglomerado de lendas ingênuas, de contos simplórios, sem qualquer pretensão histórica, escrito por algum monge um pouco mais instruído e destinados a operários medievais, em sua quase totalidade analfabetos (ASLAN, 2008).

Sabe-se que na Idade Média havia as feiras anuais, onde as corporações de ofício faziam apresentações públicas, em que teatralizavam dramas religiosos baseados na Bíblia[10]. Com isso, se abstraíam algumas lições de cunho moral e religioso, que além de entreter a plateia que assistia, inculcava nos artesãos um orgulho pela sua profissão[11].

[10] Robert Cooper, da Grande Loja da Escócia, considera o ritual maçônico herdeiro dos *morality plays* que as guildas representavam nos dias de Corpus Christi. Os autos de moralidade medievais eram meios literários ou dramáticos de expressar verdades espirituais de forma alegórica. Nesse contexto, a antiga Maçonaria teria se tornado o refúgio de um misticismo que o protestantismo e especialmente o calvinismo havia banido da vivência coletiva.

[11] "Todas as Artes tentavam demonstrar sua supremacia com base em utilidade ou antiguidade, e a recitação de histórias e tradição sustentando tais afirmações, combinada à obediência jurada às regras, era lugar-comum" (STEVENSON, 2009, p. 42).